
NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE VÍDEO

David Pennington

NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE VÍDEO

DAVID PENNINGTON

David Pennington, Mestre em Comunicação, é professor da Faculdade de Comunicação da UnB, Departamento de Audiovisuais e Publicidade, Cursos de Fotografia e Iluminação 1, Fotografia e Iluminação 2, Som do Filme, Produção Publicitária e Organização da Produção

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
A ESCALA DA PRODUÇÃO	5
A PRODUÇÃO	5
AS FASES DA PRODUÇÃO	6
ATIVIDADES DA PRODUTORA	8
O ROTEIRO	9
ANALISE TÉCNICA	9
CRONOGRAMA	10
ORÇAMENTOS	12
CONCLUSÃO	12
BIBLIOGRAFIA	13

INTRODUÇÃO

Seja uma produção com custos elevados, ou um pequeno trabalho comunitário, um produto audiovisual de apoio à mobilização social deverá ser sempre planejado, de forma a otimizar as relações custo-benefício, demonstrar claramente quanto vai custar o produto, e satisfazer demandas de aplicação de recursos. Este trabalho é voltado para a produção audiovisual, mas é válido o mesmo pensar para qualquer outro produto, como: produção gráfica, shows e apresentações, teatro de sombrinhas, produção de rádio...

Quanto mais complexo o produto, mais essencial torna-se a organização de sua produção. Finalmente, é fundamental um plano de produção para endossar qualquer orçamento, e em última análise, obter recursos para a produção. O que os financiadores querem saber é: QUANTO vai ser aplicado, ONDE, e de que MANEIRA. Este trabalho é um primeiro esboço sobre o assunto.

Brasília, out/96 - David Pennington

A ESCALA DA PRODUÇÃO

Estas notas contemplam um trabalho “típico profissional”, mas devemos ressaltar que há trabalhos em escala **grande**, em escala **pequena**, e na **escala do possível**. Geralmente a escala do possível acaba por ser a solução em muitos casos. Mesmo assim, é preciso planejar: Por exemplo, se foi decidido que para uma determinada atividade vão ser usadas faixas, é necessário ter claro o conteúdo (texto e diagramação), fazer levantamentos de preços, ver se a primeira faixa está correta, providenciar transporte, escada e arame de ferro galvanizado em quantidade adequada para a instalação das faixas. Isto merece uma listagem, uma ordem de providências, nome dos participantes e endereços e até um plano de instalação das faixas nos lugares pretendidos. Em todas essas escalas deve-se organizar a produção.

A PRODUÇÃO

A produção do audiovisual é um processo complexo que envolve um conjunto de especializações. Uma equipe típica pode contar com muitos profissionais:

- Roterista: é dele o trabalho de roteirização, texto apropriado para a produção audiovisual.
- Produtor: providencia as condições para realizar a produção, com recursos (dinheiro ou facilidades a partir de trocas, etc.,)
- Diretor: é o responsável pelo resultado final, pela qualidade do produto audiovisual.
- Diretor de Fotografia: cuida das soluções e qualidade da fotografia do trabalho. Seu trabalho é na verdade uma co-direção, quase sempre. No Brasil, é comum o diretor de fotografia fazer também a operação de câmara.
- Operador de Câmera, ou Câmera: faz operação de câmera, Seus movimentos, tais como *panorâmicas*, *travellings*, *zoom*, *etc.*, e nas pequenas produções, o diretor de fotografia e o operador de câmera são a mesma pessoa.
- Técnico ou Engenheiro de Som: assegura a gravação e qualidade do som, munido de um parque de equipamentos adequados para a finalidade.

-
- Editor ou montador: é quem reúne os componentes e destarte dá a coerência final à obra. É também uma instância de direção, é o momento intelectual, por excelência, na realização do filme. Usualmente o editor trabalha juntamente com o diretor.
 - Diretor de Arte: a seu cargo estão os aspectos artísticos envolvidos, tais como coordenação de figurino e cenografia, música, etc
 - Cenógrafo: responsável pelas soluções da cenografia, ou seja, as vistas ou planos de fundo da ação.
 - Figurinista: maneja os figurinos (roupas) sua conservação e disponibilidade.
 - Técnico em Cinematografia: é o ‘Magaiver’ da área técnica, o que soluciona necessidades (principalmente mecânicas) junto à fotografia, iluminação e técnica de som.
 - Maquinista: é o alquimista dos problemas junto à *mecânica da cena*, tais como a montagem e operação de carrinhos sobre trilhos, operação de grua, instalação de praticáveis, etc.,
 - Eletricista: encara os problemas de necessidades de energia elétrica, e é um auxiliar precioso do iluminador.

Uma produção bem organizada é essencial para assegurar um fluxo de trabalho adequado, e satisfazer as expectativas dos prazos, e estabelecer um orçamento, elemento fundamental para angariar financiamentos. Inicialmente, será analisada a constituição de um trabalho em vídeo típico, por exemplo, um comercial para televisão.

AS FASES DA PRODUÇÃO

A primeira fase corresponde ao trabalho da agência, constituído de *Criação, Argumento, Pesquisa, Roteiro e Storyboard*. Em seguida, vem a fase da Análise Técnica do Roteiro. Desta análise técnica resultam listas de produção, que permitirão viabilizar e controlar a economia do projeto. Paralelamente, o Diretor, junto com o produtor faz uma leitura do roteiro, e isso realimenta o processo de decisão da produção. Deve ficar claro que o roteiro é uma instância técnica, uma ferramenta de trabalho, dotado de grande importância no processo de realização.

A segunda fase é a Pré-Produção, onde se utilizarão as *Listas de Produção*, e mais

dados que forem necessários para elaborar um *Mapa de Produção*, que descreverá em um único espaço de escrutínio TUDO o que é necessário para viabilizar a produção; e também se elaborará um *Cronograma*, que permitirá alcançar as metas nos prazos previstos. Associado ao cronograma está o *Cronograma de Desembolso*, que controla os pagamentos por etapas.

Um aspecto importante da produção é como orçar, ou estabelecer o custo de um trabalho, e quais os cortes orçamentários máximos admissíveis para manter o resultado dentro de um nicho qualitativo preestabelecido. Predominam neste caso, fatores subjetivos nesta determinação, tornado a expressão “qualidade do produto” um significado algo muito pessoal. Daí o nome do produtor e diretor serem determinantes de um resultado previsível.

A terceira fase é a *captação de Imagem e Gravação de Som*. É quando entram o trabalho do diretor de fotografia, o câmera, operador de som, atores... é a “Filmagem”. Estas atividades devem ser desenvolvidas de forma mais contínua e breve possível; têm um tempo de desenvolvimento próprio, que varia de projeto para projeto. E o ritmo de trabalho é muito intenso e diversificado, normalmente gerando uma situação de estresse para todos os envolvidos, e em particular, a produção. Esta é uma atividade que não deve buscar culpados (por erros, omissões, enganos e mal-entendidos), mas sim uma orquestração de uma equipe heterogênea com fins a um resultado coerente, de qualidade e um fluxo de trabalho intenso e sem choques.

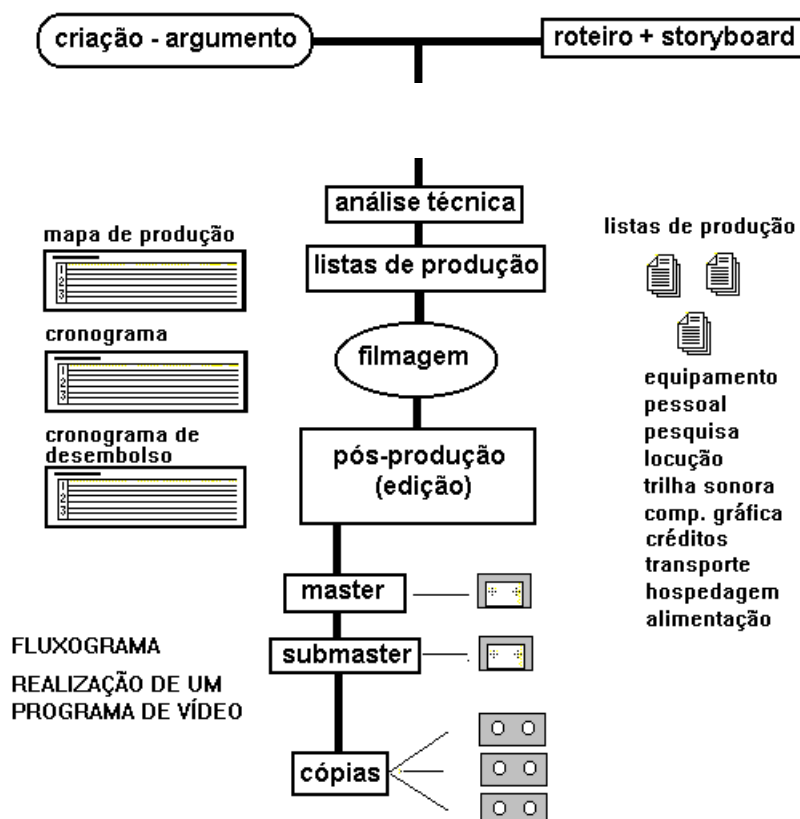
Resultante da Pesquisa e já a partir da pré-produção, busca-se material iconográfico, arquivos de imagens, fotografias, objetos que ficarão à disposição da edição do trabalho. Fotos e recortes são gravados em mesas especiais, os *table-top*, e objetos e maquetes são efetivamente filmados. São encomendadas as locuções, as trilhas sonoras e direitos autorais são resolvidos; os trabalhos de computação gráfica e outros serviços de terceiros são contratados.

A quarta fase é a Edição. De posse de todo o material para editar, e um plano de montagem no papel, chega-se então, à edição. E entra em cena o editor. Esta é uma instância intelectual por excelência neste processo de trabalho; pode-se chamar a edição de segunda direção. O alto custo de uma estrutura de pós-produção torna obrigatória a máxima eficiência de seu uso; alguns trabalhos podem por sua natureza exigir mais tempo. Pressões para apressar sua edição podem compromete-los.

Sempre há necessidades de pequenas complementações: Um desenho precisa ser reproduzido, uma imagem de arquivo é procurada para aparar uma aresta na edição, e às

vezes é necessário até produzir imagens adicionais.

Nesse meio tempo, a produção se encarrega de fechar os trabalhos correspondentes às filmagens, devolve objetos emprestados, finalizar alugueres variados. Além disso, está providenciando listas de créditos, locuções especiais (em outros idiomas, p. ex.) e toda sorte de necessidades. A edição cria o produto final, a fita *master*, que gerará *submasters* para cópiagem, sendo arquivada a master no acervo. O fluxograma anexo procura esclarecer melhor estas idéias.



ATIVIDADES DA PRODUTORA

Na produtora, procura-se reservar uma parte do dia, p.ex., o início da manhã, para as atividades na casa, organização, planejamento e fechamento de produções, a saída de equipes; até o final da tarde se desenvolvem estes trabalhos de filmagem, em externas aproveitando a luz do dia, ou no estúdio, (o que é uma atividade mais concentrada e que rende mais); já a noite é reservada para a edição, gravação de locuções, alguns trabalhos mais sutis no estúdio, como filmagem de documentos, table-top, e outros. A edição apresenta um fenômeno de “partida”. Uma vez dada a partida ao processo, quanto mais contínuo o fluxo de trabalho, maior o rendimento. Realiza-se a captação de imagens com o auxílio da ENG, a unidade de captação externa, constituída tipicamente de câmera, tripé, monitor, cabos de interligação, baterias e iluminação básica.

É claro que estamos falando de estruturas médias e grandes. Mas a atitude deve ser a mesma, caso a produtora seja o lar de alguém, e o equipamento uma câmera amadora VHS. Estas câmeras permitem a produção básica, a custos muito baixos. É possível alugar uma ilha de edição neste formato, por um preço acessível.

É importante fixar critérios de trabalho, para não cair em “simplificações pragmáticas”, que a pretexto de fugir da complexidade deste processo de trabalho, acaba por chegar a uma má qualidade de produto, em última análise, sem competitividade no mercado.

O ROTEIRO

O roteiro, concebido a partir de uma idéia, desenvolve-se como um argumento, pode ser descrito sumariamente através de um *story line*, uma sinopse ou ainda um argumento. O roteiro usa de uma linguagem técnica, aplica uma gramática específica. “Decupa”, ou separa em trechos as ações que um argumento narra, de forma a ensinar soluções técnicas, de fotografia, cenografia, locações, direção de atores, posições de camera, determina o tipo de enquadramento, quais as cenas e com que movimentos de câmera¹.

Muitas vezes, a partir de uma notícia de jornal, *“Um homem surra sua mulher; vizinha tenta intervir, acaba levando uma facada”*, tem-se aí um storyline pronto, que praticamente só representa a idéia. Daí para um roteiro, há todo um trabalho de desenvolver um conjunto de personagens (os personagens marido e mulher que não se entendem; porque? sua condição de vida, filhos, etc, rotina doméstica. A vizinha - uma mãe de família? Seus filhos? irmã, irmão?) - uma cenografia: casas de periferia? Bairro? mostra a vida na periferia? E por aí afora. Ocorre também o desenrolar de um a história, um drama, cujo clímax é uma agressão a uma boa mulher, querida por todos em seu bairro, agressão fruto de outro drama familiar, agressão fruto da estupidez e ignorância.

Essa história permite desenvolver no roteiro várias sequências, por exemplo, a sequência da casa da tal vizinha. Também uma sequência no bar do outro lado da rua, onde se mostra o contexto do bairro. Naturalmente a sequência da briga do casal, e da agressão à vizinha; esta puxa uma sequência dos personagens no hospital, etc.

ANÁLISE TÉCNICA

O roteiro sofre uma análise técnica, que definirá viabilidades e soluções a serem adotadas. Problemas típicos a serem trabalhados: Transporte de pessoas, equipamentos, objetos e adereços, cenários; alimentação, hospedagens, combustível (carros, barcos, etc.), passagens de avião; construção de cenografia, maquiagem e preparação de locações; pinturas, trabalhos de carpinteiro, pedreiro e outros; fornecimento, instalação e desinstalação de eletricidade; problemas especiais de iluminação; licenças e autorizações; efeitos especiais (“chuva”, “incêndio”, “tiros”, “acidentes”).

Esta fase gera um *mapa de produção* e um conjunto de *listas de produção*, que serão providenciados em tempos hábeis. E o mapa de produção manterá listado e atualizado todo o andamento da produção, a nível físico.

As áreas mais importantes a serem cobertas são:

Necessidades técnicas

- equipamentos
- equipe
- condições técnicas de produção
- condições técnicas da pós-produção
- materiais de consumo para finalidades técnicas.
- material sensível (fitas para video, filmes, p. ex.)

Necessidades Logísticas

- transportes
- alimentação
- hospedagem
- autorizações, etc...
- eventualidades (acidentes, p. ex.)
- prazos
- contratos
- divulgação e press-releases
- aluguéis e compras
- pagamentos/honorários/salários

Necessidades Artísticas/estéticas

- direcionamento da produção
- definição/construção da cenografia/figurinos/adereços/objetos de cena
- definição do elenco (casting)
- definição de locações
- equipamentos para efeitos especiais

ORÇAMENTOS

A partir dos mapas de produção e do cronograma, é possível elaborar um orçamento completo. É evidente que é possível fazer um orçamento estimativo, mas dada à quantidade de fatores envolvidos, é possível errar grosseiramente com estimativas. De uma maneira geral, a partir do tempo final do produto, é possível fazer uma primeira estimativa. Mas o orçamento final sempre será detalhado. E as estimativas variam com a categoria do trabalho: Dez minutos de documentário social são orçados de forma diferente do que um comercial de automóvel de trinta segundos. Basicamente, um documentário social padrão profissional (betacam), *feito localmente, sem exigir grandes deslocamentos*, poderá custar em torno de USD 700,00 / min. Com deslocamentos extensos, este valor poderá ir para USD 2000,00 / min. Já um comercial de ponta de trinta segundos pode custar USD 300 000,00. E um documentário social rodado em VHS poderá custar USD 150,00 / min (10 min= USD 1500,00).

CONCLUSÃO

O exposto mostra que a organização da produção é um verdadeiro processo de engenharia, muito semelhante ao do controle de uma obra. Daí a necessidade de um acompanhamento e documentação minuciosa do processo, do início até o fim. Como a quantidade de detalhes e serem observados é muito grande, resumos de andamento devem ser analisados junto a produtores e diretores com frequência, pois pela natureza artística dos trabalhos, modificações costumam acontecer no decorrer da realização, que deverão ser ponderados sob aspectos estéticos e financeiros e de viabilidade de realização física, para a tomada de decisões.

Quando a documentários, o esquema simplifica-se um pouco, mormente quanto à cenografias, figurinos e adereços (a não ser no que se chama de 'docudrama', documentário dramatizado). Por outro lado, os imprevistos que surgem durante documentários podem merecer atenção redobrada, exigindo assim mesmo um planejamento criterioso para a sua produção.

De toda maneira, as atividades de produção, principalmente as mais complexas, envolvem um elemento de risco, do consumo dos recursos com resultados duvidosos, e este é mais um fator que justifica e muito bem, uma produção bem organizada.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

- COMPARATO, Doc *Roteiro: Arte e Técnica de Escrever para Cinema e Televisão*, Nórdica, Rio de Janeiro, 1983
- BERNADET, Jean C. *O Que é Cinema?*, São Paulo, Ed Brasiliense, 1985
- CAPUZZO, Heitor, *Cinema, a Aventura do Sonho*, São Paulo, Ed Nacional, 1983
- CAVALCANTI, Alberto, *Filme e Realidade*, Rio de Janeiro, Ed Casa do Estudante do Brasil, 1952
- LANGFORD, Michael, *Fotografia Básica*, Barcelona, Ediciones Omega, 1974
- MALKIEWICZ, Chris, *Cinematography*, New York, Prentice Hall Press, 1989
- MARTIN, Marcel, *A Linguagem Cinematográfica*, São Paulo, Ed Brasiliense, 1990
- MILLERSON, G, *Video Production Handbook*, London, Focal Press, Butterworth-1989
- HALAS & MANVELL *A Técnica da Animação Cinematográfica*, Civilização Brasileira/Embrafilme, s/d
- SANTOS, Rudi, *Manual de Vídeo*, Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1995

David Pennington, out/94, Manaus AM
pennbra@unb.br
